

# Crônica do Imperador Belindro de Grécia ou História Grega do Imperador Belindro: uma revisão dos manuscritos

NANCI ROMERO

Instituto Federal de São Paulo e Universidade de São Paulo  
Brasil

## I. INTRODUÇÃO

As façanhas e os sofrimentos amorosos de Dom Belindo e de outros cavaleiros da corte do imperador Belindro são narradas em um conjunto de livros de cavalarias a que poderíamos chamar de Ciclo de Dom Belindo. Esses livros nunca foram publicados e os manuscritos conhecidos apresentam títulos como *Crônica do Imperador Belindro*, *Crônica do Imperador Belindro de Grécia*, *História Grega do Imperador Belindro* ou simplesmente *História de Grécia*. Barbosa Machado<sup>1</sup> refere-se às mesmas aventuras como *Cavalarias de Dom Belindo*, já que a personagem principal é o fictício príncipe português Dom Belindo.

O ciclo é dividido em quatro partes, cuja autoria e datação ainda não estão completamente estabelecidas. Acredita-se que as duas primeiras partes tenham sido escritas pelo mesmo autor (ou autora) no final do século XVI ou início do XVII e apontam-se os nomes de Leonor Coutinho, Francisco de Portugal e Francisco Manuel<sup>2</sup>. A terceira e a quarta partes devem ter sido escritas por outro ou outros autores e, seguramente, pelo menos a quarta parte não foi escrita nem por Leonor Coutinho nem por Francisco de Portugal, pois nela são citados escritores do final do século XVII e esses dois supostos autores viveram na primeira metade do mesmo século<sup>3</sup>. Da terceira parte existem duas versões distintas, embora de uma delas só reste um fragmento, contendo partes dos dois primeiros capítulos.

Em artigo de 2006<sup>4</sup>, Aurelio Vargas Díaz-Toledo apresentou uma relação de 40 manuscritos desse ciclo. Em 2010, localizamos na Green Library da Universidade de Stanford, Califórnia, o Ms 0760-f que havia sido vendido pela Maggs Bros de Londres alguns meses antes. Esse manuscrito é o único conhecido a reunir as quatro partes num mesmo códice, todas escritas pelo mesmo copista.

Ficamos, portanto, com inacreditáveis 41 manuscritos, prova de um interesse significativo e duradouro, pois as últimas cópias, como a da Green Library, datam da segunda metade do século XVIII. A

---

1 Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana. Historica, Critica, e Cronologica*, Lisboa, Officina de Ignacio Rodrigues, 1752, Tomo III, p.11.

2 Aurelio Vargas Díaz-Toledo, *Estudio y Edición Crítica del Leomundo de Grécia de Tristão Gomes de Castro*, pp. 37-39.

3 *Idem*, p. 64-74.

4 *Idem*, “Os Livros de Cavalarias Renascentistas nas Histórias da Literatura Portuguesa”, pp. 233-247.

tarefa que se impõe agora é organizar essa massa de informações, espalhada por quatro países em dois continentes<sup>5</sup>, tentando estabelecer, com base no primeiro e último capítulos de cada parte, um esboço de estema que permita a um futuro editor desses livros de cavalarias restringir as opções para a escolha dos manuscritos a serem publicados.

Dado o grande número de manuscritos, decidimos dividir o trabalho em duas etapas: uma englobando a primeira e segunda partes, que apresentaremos no XIV Congresso da Asociación Hispánica de Literatura Medieval, e outra englobando a terceira e quarta partes, que passaremos a expor. Decidimos, por fim, começar pela última parte, pois como apresenta um número bem menor de manuscritos, e nós trabalhávamos com a hipótese de que as relações que encontrássemos na quarta parte poderiam se manter na terceira, ficaria mais fácil começar e apresentar o estema.

## 2. O CÓDICE MS 0760-F:

O códice Ms 0760-f pertence à Green Library da Universidade de Stanford, localizada na Califórnia, Estados Unidos.

É composto por 220 fólios de papel relativamente grosso, sendo possível perceber-se apenas um tipo de filigrana, esboçada na figura n. 3. A foliação foi feita pelo próprio copista, na margem superior direita, e apresenta a fórmula 1+217+2. Não há folha de guarda. O primeiro fôlio não numerado traz o frontispício e os dois últimos, os índices.

A capa mede 330 x 220 mm e a lombada 40 mm. O material da capa é cartão revestido de couro. Na lombada percebem-se seis nervos, entre os quais há motivos em forma de conchas douradas, exceto no segundo vão, onde o título aparece em letras douradas sobre um fundo vermelho: CHRONI | DO EMPER | BELIAN | T. I.II

O texto está escrito em uma única coluna, com mancha de 295 x 170 mm, apresentando 57 linhas por página e, em média, 85 espaços ou letras por linha, tendo sido escrito por uma única mão.

## 3. AS PARTES DO CICLO:

Já dissemos que o Ciclo de Dom Belindo tem quatro partes; no entanto, alguns manuscritos<sup>6</sup> consideram o que chamamos primeira e segunda partes como uma só parte<sup>7</sup> e, por isso, chamam de segunda e terceira as partes que chamamos de terceira e quarta, respectivamente. De acordo com essa nomenclatura, o ciclo teria, aparentemente, apenas três partes.

5 Acrescente-se a essa dispersão o fato de que alguns manuscritos, como os de Utrecht, não têm permissão para serem digitalizados, sendo necessário, portanto, consultá-los *in locu*.

6 É conveniente ressaltar que não há nenhum manuscrito englobando a primeira e segunda partes que se autodenomine *primeira parte*. Essa referência só aparece em alguns manuscritos das partes finais, tratando-se, portanto, de uma designação posterior.

7 A designação de primeira parte aos dois primeiros livros do ciclo pode ser indicio de identidade autoral e, talvez, de distância temporal entre esta e suas continuações.

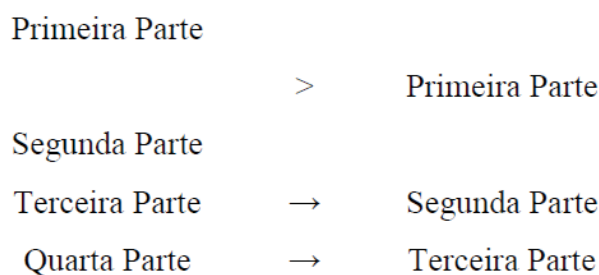


Fig. n. 1

Foi essa divergência na nomenclatura que confundiu Aurélio Vargas Díaz-Toledo e o levou a apresentar um número de manuscritos para cada parte diferente do que vamos apresentar agora.

#### 4. A QUARTA PARTE:

Além dos dois manuscritos já citados por Díaz-Toledo<sup>8</sup>, acrescentamos o manuscrito recém-descoberto de Stanford e um de Washington, que havia sido descrito como terceira parte. Ficamos, portanto, com quatro manuscritos, que designaremos com as seguintes letras:

**B** – BNP 346, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal;

**Q** – ANTT 1762, Lisboa, Torre do Tombo;

**J** – Ms 0760-f, Stanford, Green Library, Universidade de Stanford;

**Z** – Portuguese Manuscripts Collection 59, Washington, Library of Congress<sup>9</sup>.

O cotejo do primeiro e último capítulos dessa parte é suficiente para se reconhecer claramente dois grupos, um formado por B e J e outro grupo formado pelos manuscritos Z e Q. Vejamos alguns exemplos, selecionados dentre muitos outros que reforçam essa divisão:

- (1) *B, J: bem-me-querer / Q, Z: mal-me-querer*
- (2) *B, J: plumas / Q, Z: palmas*
- (3) *B, J: crespa / Q, Z: preta*
- (4) *B, J: cetim de ouro, guarnecido de diamantes /*  
*Q, Z: cetim guarnecido de ouro e diamantes*
- (5) *B, J: senhoras / Q, Z: príncipes*
- (6) *B, J: cronista Cornélio Faquião / Q, Z: cronista*
- (7) *B, J: meo sofrimento / Q, Z: meu sentimento*

Vejamos agora que relação pode ser estabelecida entre B e J.

- (8) *B, Z, Q: desaparecido / J: descuidado*

<sup>8</sup> BNP 346 e ANTT 1762.

<sup>9</sup> Há um problema com a cota dos manuscritos da *Portuguese Manuscripts Collection* da *Library of Congress*. No catálogo de Lund & Kahler (1980) aparecem os números 124, 220 e 221, que se referem à posição dentro desse catálogo, mas eles correspondem, respectivamente, aos manuscritos 152, 58 e 59 da citada coleção.

- (9) *B, Z, Q: serpe / J: serpente*  
 (10) *B, Z, Q: que o pôde / J: que o não podesse*  
 (11) *B, Z, Q: delicada / J: deleitosa*  
 (12) *B: parecia impossível que houvesse arma o penetrasse /*  
*Q, Z, J: parecia impossível que houvesse arma que openetrasse*  
 (13) *B: dezoito colunas de porfido de obra do coríntia /*  
*Q, Z, J: dezoito colunas de porfido de obra coríntia*

Os exemplos acima permitem afirmar que J, com mais frequência e de maneira mais significativa, afasta-se da lição dos demais manuscritos, o que impossibilitaria ser ele o antígrafo de B. Já os afastamentos de B não impediriam que J fosse cópia dele, pois o copista facilmente faria as alterações verificadas nos exemplos 12 e 13. A semelhança entre as lições de B e J e a ausência de ocorrências que afastassem completamente a possibilidade de J ser cópia de B nos faz acreditar nessa hipótese, embora só um cotejo maior possa permitir uma afirmação categórica.

Situação semelhante à verificada entre B e J ocorre entre Z e Q. Vejamos alguns exemplos:

- (14) *B, J, Z: desapareceu. Achando-se ao pé /*  
*Q: desapareceu deixando-o ao pé*  
 (15) *B, J, Z: capacete irmão, com plumas azuis e uma negra, o vestido de sarja*  
*de ouro, guarnecido com safiras e diamantes / Q: capacete irmão*  
 (16) *B, J, Q: ferocíssima serpente / Z: fermosíssima serpente*

Também neste caso percebemos que os afastamentos mais frequentes e significativos são os do manuscrito Q. Há no entanto um caso aparentemente significativo que impossibilitaria Q ser cópia de Z: trata-se do exemplo de número 16. Há que se ressaltar, porém, que o copista de Q provavelmente não hesitaria muito em substituir “fermosíssima” por “ferocíssima” ao qualificar uma serpente, sendo possível, portanto, que ele tivesse Z como seu antígrafo.

Ainda que restem dúvidas quanto a serem J e Q cópias de B e Z respectivamente, não há dúvidas de que estes últimos apresentam as melhores lições. Resta-nos, portanto, analisar a relação entre B e Z. Há um exemplo que nos leva a crer que Z não tenha copiado de B:

- (17) *B: enleados em folhagens verdes*  
*Z: enleados em folhagens verdes; por cima de toda esta fábrica corria*  
*uma claustrada de ouro e as mesmas folhagens verdes*

Trata-se, provavelmente, de um caso de supressão por homeoteleuto, já que a palavra “verdes” aparece duas vezes em posição muito próxima; além disso, não parece haver justificativa para o copista de Z ter inventado essa frase. As outras lições divergentes não excluem a possibilidade de B ter copiado de Z, embora não haja indícios muito fortes de que isso tenha ocorrido. Esse quadro, somado a algumas pequenas divergências aparentemente mais coerentes de B, obriga-nos a deixar a questão em aberto do ponto de vista do cotejo textual.

A análise codicológica mostra que Z apresenta uma filigrana (fig. n. 2) igual a uma das filigranas dos manuscritos BNP 344 e 345 e que estes apresentam, além desta, outra filigrana (fig. n. 3) igual à do manuscrito J.



Fig. n. 2



Fig. n. 3

Embora os códices BNP 344, 345 e 346 (o manuscrito B) sejam independentes, eles apresentam semelhanças na composição, filigranas que se repetem e alguns copistas em comum, o que nos leva a situar todos esses manuscritos numa mesma época e, possivelmente, próximos geograficamente. De acordo com a descrição feita por Lundt e Kahler<sup>10</sup>, Z foi copiado “in the late eighteenth century”, portanto, todos os manuscritos conhecidos que veiculam a quarta parte são do século XVIII e, mais provavelmente, do final do século XVIII. Dado que todos os códices aparentam ter sido escritos na mesma época, continuamos sem argumentos para respaldar a hipótese de B ter copiado de Z, assim sendo, nossa proposta de estema para a quarta parte, por ora, é esta:

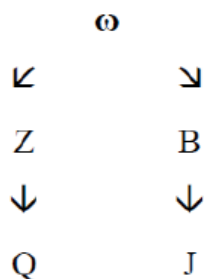


Fig. n. 4

Há ainda uma consideração a ser feita com relação aos títulos, pois J e Q apresentam títulos diferentes de B e Z, respectivamente. Uma justificativa possível para a diferença de títulos poderia estar ligada ao fato de que J e Q serem as únicas cópias que apresentam as quatro partes, independentemente do fato de J as apresentar num único códice e Q em quatro<sup>11</sup>. Temos, no caso de Q, um único copista e uma mesma *mise-en-page*, o que não acontece com B e Z. Os manuscritos 343, 344, 345 e 346 da Biblioteca Nacional de Portugal apresentam diferentes títulos e o mesmo ocorre com os manuscritos

<sup>10</sup> Christopher C. Lund & Mary Ellis Kahler, *The Portuguese Manuscripts Collection of the Library of Congress: A Guide*.

<sup>11</sup> ANTT 877, 1761, 1762 e 1763.

58 e 59 da Biblioteca do Congresso, embora, em ambos os casos, haja elementos que aproximem essas cópias entre si. Ora, como J é um único códice, o título que ele encontrou ao copiar a primeira parte foi, possivelmente, o título que ele adotou para a obra inteira. O mesmo deve ter acontecido com Q, embora o tenha feito em quatro diferentes códices. Ou seja, mesmo que os autógrafos de J e Q apresentassem um título diferente, o copista poderia ter optado por manter o título transcrito na primeira parte. Trata-se, evidentemente, de uma hipótese a ser comprovada.

Por fim, convém destacar que B aparenta ser uma cópia feita às pressas, pois dois copistas se alternam muitas vezes, como se dividindo o trabalho. Além disso o domínio da norma culta do copista de Z é muito superior ao do copista da maior parte do manuscrito B, em cujo texto são frequentes formas como *andem* no lugar de *hão de*, flexionando não apenas o verbo *haver* mas também a preposição *de*, *truce* por *trouxe*, *sube* por *soube*, *selbre* por *célebre*, *cruja* por *coruja* e muitas outras ocorrências desse tipo, enquanto em Z encontramos as formas preconizadas pela norma culta.

## 5. A TERCEIRA PARTE:

Como qualquer estudo sobre o Ciclo de Dom Belindo terá de principiar pela tese de Díaz-Toledo, é necessário justificar os pontos em que divergimos. Ao conjunto de cinco manuscritos<sup>12</sup> apresentados por ele, fizemos alguns acréscimos e algumas exclusões. Inicialmente, excluímos o códice 59 da Portuguese Manuscripts Collection da Library of Congress por trazer o texto da quarta parte, e o fragmento identificado como Número 8 da caixa 73 da Biblioteca da Manizola, pertencente à Biblioteca Pública de Évora, por conter uma versão da terceira parte distinta da narrada pelos demais manuscritos<sup>13</sup>. Acrescentamos o códice que descobrimos na Green Library da Universidade de Stanford e também os códices 11.C.2 e 11.C.3 da Biblioteca Universitária de Utrecht, o códice 58 da Library of Congress, bem como o códice BNP 6037, que haviam sido descritos como contendo a segunda parte, mas que trazem a terceira. Finalmente, acrescentamos o códice ANTT 1918 que contém, além da segunda parte, a terceira. Ficamos, portanto, com o seguinte conjunto de códices, identificados pelas letras que adotaremos ao nos referirmos a eles:

- B**– BNP 345, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal;
- U**– BNP 6037, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal; (capítulos 26 a 48)<sup>14</sup>
- U** – HS 11.C.3, Utrecht, Biblioteca Universitária (capítulos 1 a 25)
- X**– BNP 11010, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal;
- Q** – ANTT Manuscritos da Livraria 1763, Lisboa, Torre do Tombo;
- C**– ANTT Manuscritos da Livraria 1918, Lisboa, Torre do Tombo;
- J**– Ms 0760-f, Stanford, Green Library, Universidade de Stanford;
- W**– HS 11.C.2, Utrecht, Biblioteca Universitária
- Z** – Portuguese Manuscripts Collection 58, Washington, Library of Congress.

<sup>12</sup> São eles: BNP 345, BNP 11010, ANTT 1763, LC 221 (na verdade, a cota correta é LC 59) da *Library of Congress* e o fragmento 73, 8 da Biblioteca da Manizola, pertencente à Biblioteca Pública de Évora.

<sup>13</sup> Trata-se de um fragmento formado por um fôlio e um bifólio, que acreditamos ser autógrafo, mas, como dissemos, apresenta outra versão da história da terceira parte e, por isso, é muito importante, pois nos confirma que estamos diante de um ciclo com diferentes autores. Apresentamos esse manuscrito na VII Jornada Nacional de Filologia promovida pelo CIFEFIL.

<sup>14</sup> Usaremos a mesma letra para os dois manuscritos, por formarem uma única cópia.

A relação acima indica a existência de nove códices, porém, como o BNP 6037 é continuação do 11.C.3 de Utrecht, ficamos com oito cópias da terceira parte.

O cotejo dessa parte foi um pouco mais complicado em virtude de alguns manuscritos não apresentarem o primeiro ou o último capítulo, os quais inicialmente havíamos escolhido para essa tarefa. Além disso, o copista de W (HS 11.C.3) interrompe o texto no meio do capítulo 41, ao qual outra mão acrescentou uma frase a título de encerramento<sup>15</sup>. Isso nos obrigou a cotejar também o capítulo 41 (ou 42 ou 56, dependendo do códice).

## 6. ENTENDENDO A NUMERAÇÃO DIFERENTE: 48, 49 OU 63 CAPÍTULOS.

Nos manuscritos X, Q, B e J, o capítulo 30 aparece dividido em dois (30 e 31), por isso esses códices terminam com 49 capítulos. Já os manuscritos Z e U apresentam o mesmo texto em apenas um capítulo, por isso acabam com 48. W também apresenta esse texto em apenas um capítulo, no entanto interrompe a cópia no capítulo 41. Teensma<sup>16</sup> descreveu esse manuscrito com 48 capítulos, porém, já na década de 60, quando ele escreveu o artigo, W possuía apenas 41, pois o códice tem hoje os mesmos 196fólios que ele disse ter naquela época e faltam os capítulos 42 a 48. Provavelmente o autor quis dizer que o manuscrito teria 48 capítulos, já que seu capítulo 30 contém o texto dos capítulos 30 e 31 dos manuscritos com 49 capítulos.

Por fim, o manuscrito C tem uma numeração particular por apresentar os capítulos finais da segunda parte e toda a terceira parte, exceto o primeiro capítulo. O capítulo 17 desse manuscrito corresponde ao 51 da segunda parte mais o texto do capítulo 2 da terceira parte, exceto os primeiros e últimos parágrafos<sup>17</sup>. O manuscrito C também traz o texto completo dos capítulos 30 e 31 em um único capítulo, o 45. Portanto, o capítulo 56 desse manuscrito corresponde ao 41 e ele termina com 63 capítulos.

Vejamos um quadro recapitulativo:

<b>X, Q, B e J:</b>	1, 2	...	30 e 31	...	42	...	49
<b>Z, U:</b>	1, 2	...	30	...	41	...	48
<b>W:</b>	1, 2	...	30	...	41	Ø	(interrompe)
<b>C:</b>	Ø 17	...	45	...	56	...	63

Fig. n. 5

A divergência na capitulação já é um indicativo de que os manuscritos da terceira parte se dividem em duas famílias, a saber, a família dos manuscritos que dividem o conteúdo do capítulo 30 em

15 Convém esclarecer que havia meia página em branco para a continuação do texto, portanto não se trata de um códice que perdeu os fólios finais, mas de uma cópia interrompida, seja porque o antígrafo já estivesse incompleto, seja porque o copista de 11.C.2 não tenha finalizado a cópia.

16 Benjamin Nicolaas Teensma, “Nótula sobre Alguns Manuscritos da Crônica do Imperador Beliandro e da História da Grécia”, pp. 110-112.

17 No momento em que Enil volta à pousada de Dom Belindo para devolver um papel, encontra o cavaleiro ainda sem tornar de um êxtase. A partir desse ponto, C prossegue com a chegada da donzela que ouve as lamentações de Dom Belindo, repreende-o pelo estado lastimável em que se deixou ficar e pede-lhe que ajude sua senhora. O texto continua igual ao do capítulo 2, omitindo apenas os parágrafos finais. O capítulo 27 de B e Z (portanto, um de cada ramo) menciona o conteúdo dos capítulos 2, 5, 6 e 13 de tal forma que parece ser prova de que o capítulo 1 existia originalmente e que realmente falta na versão com 63 capítulos e não que, ao contrário, tenha sido acrescentado nas outras.

dois capítulos (X, Q, B e J) e a família dos manuscritos que não o fazem (Z, U, W e C). Acrescentemos, porém, novos dados.

- (18) *W, Z, U, C: Fedelinda / B, J, Q, X: a soberana egicia*  
 (19) *W, Z, U, C: diante de Graciménia disse / B, J, Q, X: disse*  
 (20) *W, Z, U, C: no meu parecer, disse Fedelinda, assim é / B, J, Q, X: no meu parecer assim é, disse Fedelinda*  
 (21) *Z, U, C: do emperador / B, J, Q, X: da emperatriz (W=∅)*  
 (22) *Z, U, C: Do que passava na corte de Constantinopla quando chegou a ela A sabia Dorcina com as novas dos exércitos da Ásia e África e do mais que sucedeo / B, J, Q, X: Do que passava na corte de Constantinopla. (W=∅)*  
 (23) *W, U, Z: um correio que despedio Florimante / B, J, Q, X: Florimante (C=∅)*  
 (24) *W, U, Z: a princesa Alcidonia / B, J, Q, X: Enil (C=∅)*  
 (25) *W, U, Z: donzella / B, J, Q, X: dama (C=∅)*  
 (26) *W, U, Z: Constantinopla / B, J, Q, X: Grécia (C=∅)*

É possível dividir a família B, J, X e Q, em que todos os manuscritos apresentam 49 capítulos, em dois grupos: B, J e X, Q.

- (27) *B, J: reis / X, Q, Z, U, W: reis aliados (C=∅)*  
 (28) *X, Q: a egícia / Z, U, B, J, C: Fedelinda (W=∅)*

Vê-se que a relação existente entre B e J na quarta parte se mantém na terceira, inclusive o fato de J aparentar ser cópia de B, pois em caso de discrepância entre os dois, é sempre J que se afasta da lição dos demais.

- (29) *J: desatinos / W, Z, X, U, Q, C, B: destinos*

No grupo formado por X e Q, é sempre este que se afasta da lição dos demais:

- (30) *Q: só a ela / B, Z, U, W, X, J (C=∅): a ela só*  
 (31) *Q: começavam / B, Z, U, W, X, J (C=∅): começava*

Dentro da outra família é possível perceber-se apenas o agrupamento Z, U.

- (32) *B, J, W, X, Q: deve / Z, U: disse (C=∅)*  
 (33) *B, J, W, X, Q: injúrias / Z, U: imperias (C=∅)*  
 (34) *B, J, W, X, Q, C: pouca força / Z, U: pouca*  
 (35) *B, J, W, X, Q: o soldão / Z, U: el rei soldão (C=∅)*

Já W e C, embora na maioria dos casos apresentem semelhanças com Z e U, o que nos leva a incluí-los na mesma família, em outros apresentam lições particulares.

- (36) *X, Q, B, J: com destreza / W, U, Z: com destreza o instrumento / C: o seu instrumento (W=∅)*



(37) *B, J, Q, Z, U, X: todas as noites / C: e todas as mais das noites*

(38) *X, Q, B, J, Z, U: batel / W: baixel (C= Ø)*

(39) *X, Q, B, J, Z, U: saírem / W: já irem (C= Ø)*

Um último ponto a ser considerado são as diferentes conclusões narradas pelos manuscritos. Como já dissemos, W interrompe a narração no capítulo 41. Não se pode descartar a hipótese de que o autor tivesse escrito só até esse ponto e outro tivesse acrescentado os capítulos finais. Porém, mesmo que o original tivesse 48 capítulos e que o copista de W não tivesse copiado a obra integralmente, o que exigiria um estudo mais aprofundado para se comprovar, ainda assim teríamos outro problema a resolver.

Os manuscritos Z e U interrompem o capítulo final no meio de um diálogo. X, Q, B, J e C concluem esse diálogo, narram a saída de Arfenisa da corte de Constantinopla, mas depois divergem entre si, pois X, Q, B e J contam que a guerreira Oranta pede licença para sair em busca de Arfenisa, já C diz que a gigante Drabasinda anuncia que Fasíndoro, o gigante seu servidor, convocará todos os cavaleiros para a busca de Arfenisa.

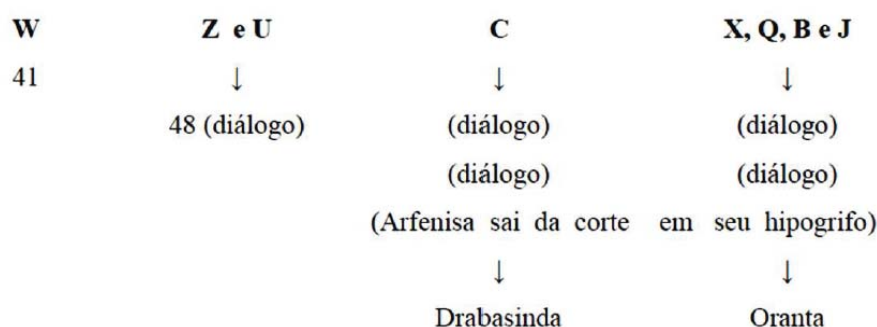


Fig. n. 6

O último capítulo da terceira parte não apresenta elementos fundamentais para o desenvolvimento da narrativa, portanto, poderia ser integralmente omitido. Assim sendo, tanto faz se o capítulo termina com a fala de Drabasinda ou de Oranta, já que ambas são personagens “terciárias”. Mesmo a saída de Arfenisa, personagem secundária, poderia ter sido omitida. O ponto em que Z e U interrompem causa estranheza apenas porque acontece no meio de um diálogo. Resumindo: os três finais seriam possíveis. Como saber qual o original?

É mais difícil imaginar que um copista tivesse substituído um final já escrito por outro de sua própria lavra, embora isso também ocorra; por isso tendemos a crer que nem a cena com Drabasinda, nem a cena com Oranta existissem originalmente. No entanto, não encontramos nenhum manuscrito que narrasse apenas até a saída de Arfenisa. Ora, se não existiu um manuscrito que interrompesse nesse ponto, ou estamos diante de uma variante autoral ou o copista realmente mudou o final; se não, como justificar a cena da saída de Arfenisa, comum às duas famílias? Somente a descoberta de novos manuscritos ou um aprofundamento no cotejo dos conhecidos talvez possa solucionar esse problema.

Por ora, com base no exposto, propomos três estemas:

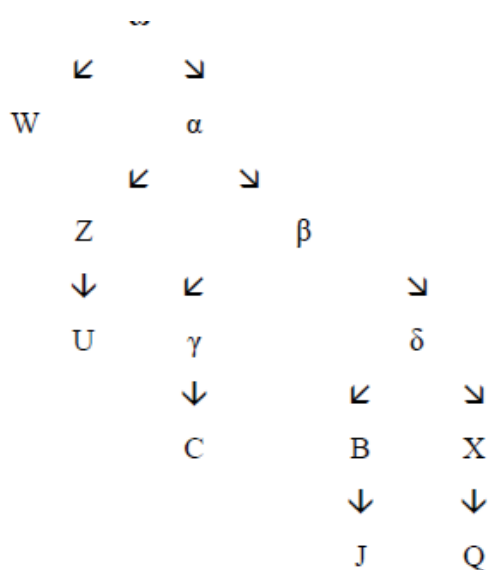


Fig. n. 7: Estema A

No estema A, supomos que  $\omega$  teria apenas 41 capítulos e o capítulo 30 estaria na versão integral. Os capítulos 42 a 48, até a primeira parte do diálogo teriam sido acrescentados em  $\alpha$ . O restante do diálogo até a saída de Arfenisa teria sido acrescentado por  $\beta$ . O desfecho com Drabasinda teria sido acrescentado por  $\gamma$  e o desfecho com Oranta teria sido acrescentado por  $\delta$ , que também teria dividido o texto do capítulo 30 em dois.

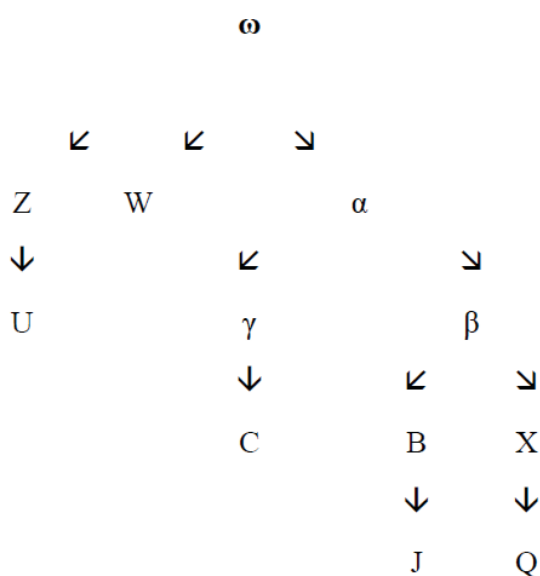


Fig. n. 8: Estema B

No estema B supomos que  $\omega$  tivesse originalmente 48 capítulos e que interrompesse no meio do diálogo comum às duas famílias. W teria interrompido a cópia já no capítulo 41.  $\alpha$  teria copiado os 48 capítulos e acrescentado a saída de Arfenisa da corte.  $\beta$  teria acrescentado a cena com Oranta e dividido o capítulo 30 em dois.  $\gamma$  teria acrescentado o final com Drabasinda, mas mantido o capítulo 30 na versão integral.

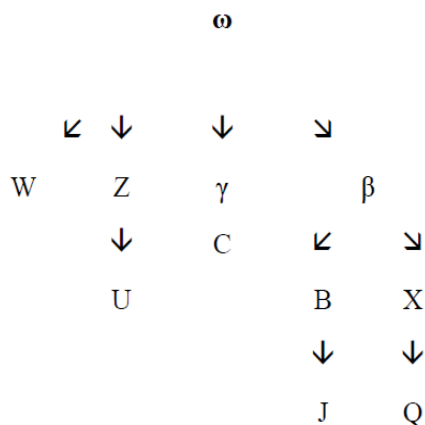


Fig. n. 9: Estema C

Como vemos no estema C, também seria possível imaginar, embora não acreditemos, que  $\omega$  tivesse uma das cenas finais, que  $\beta$  ou  $\gamma$  tivesse modificado esse final e que W e Z tivessem interrompido a cópia. É importante esclarecer que tanto W quanto Z terminam a cópia no meio do lado reto de um fólio, estando, portanto, descartada a hipótese de perda dos fólhos finais para ambos os casos.

Salientamos que os exemplos encontrados apenas permitem afirmar que nem Z nem W sejam antígrafos de C, no entanto, não impõem a existência de  $\gamma$ , porém nós propomos esse nível com base em outras informações sobre esse códice. O manuscrito ANTT 1918 é continuação do manuscrito ANTT 1200, tendo ambos o mesmo copista<sup>18</sup>. Como o cotejo que estamos fazendo da primeira e segunda partes (que apresentaremos no XIV Congresso da AHLM) mostra que ANTT 1200 é cópia do BPP 548, podemos supor que ANTT 1918 também seja cópia de um códice desaparecido, que corresponderia ao  $\gamma$  de nosso estema. Além disso, C apresenta um número de variantes bem grande, o que corrobora a hipótese de haver mais um nível, pois ele carregaria também as variantes de seu antígrafo.

## 7. CONCLUSÃO

A revisão dos manuscritos da terceira e quarta partes que acabamos de apresentar dobra o número de códices de ambas as partes, pois saltamos de cinco para dez na terceira<sup>19</sup> e de dois para quatro na quarta parte.

O cotejo apresentado, embora não tenha levado a um estema definitivo, ajuda a perceber as famílias em que os manuscritos podem ser agrupados e os códices mais interessantes de cada família, restando agora aprofundar o estudo desses manuscritos. Por outro lado, o cotejo mostra a existência de variantes da terceira parte, fato novo e intrigante, pois só conhecíamos as variantes da segunda parte, o que evidencia que realmente estamos diante de um ciclo, pois temos, no mínimo, três autores, sendo um

18 Os dois códices juntos narram a primeira, segunda e terceira partes da *Crônica de Dom Beliandro*, embora apresentem uma divisão em apenas duas partes: a primeira com 75 capítulos e a segunda com 63.

19 Lembramos que o fragmento de Évora apresenta uma versão diferente e que o BNP 6037 é continuação do 11.C.3 de Utrecht, por isso trabalhamos com oito cópias.

para as duas primeiras partes, um segundo autor para o fragmento de Évora e um terceiro para as partes finais<sup>20</sup>. Além disso, como já havia apontado Díaz-Toledo, as primeiras partes datam do início do século XVII e as últimas, do século XVIII.

Trata-se, portanto, de um ciclo bastante duradouro, prova do interesse que o gênero continuava despertando ainda no século XVIII. Afinal, muitas cópias foram realizadas no final desse século, como o foi o mais recente manuscrito localizado do Ciclo de Dom Belindo, o Ms 0760-f, da Green Library da Universidade de Stanford.

#### BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

DÍAZ-TOLEDO, Aurelio Vargas. *Estudio y Edición Crítica del Leomundo de Grécia de Tristão Gomes de Castro*. Tese de Doutorado em Filologia. Faculdade de Filologia, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2007, 1023 folhas.

\_\_\_\_\_. “Os Livros de Cavalarias Renascentistas nas Histórias da Literatura Portuguesa”. *Península: Revista de Estudos Ibéricos*, Porto, (3): 233-247, 2006.

LUND, Christopher C. & KAHLER, Mary Ellis. *The Portuguese Manuscripts Collection of the Library of Congress: A Guide*. Washington, Library of Congress, 1980.

MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana. Historica, Critica, e Cronologica*. Lisboa, Officina de Ignacio Rodrigues, 1752, Tomo III.

ROMERO, Nanci. “O Fragmento de Évora da Crônica do Imperador Beliandro”. In: *VII Jornada Nacional de Filologia*, Niterói, CIFEFIL, 2011.

TEENSMA, Benjamin Nicolaas. Nótula sobre Alguns Manuscritos da Crônica do Imperador Beliandro e da História da Grécia. In: *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira*, IV, Janeiro-Março n. 1, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 110-112, 1963.

**RESUMO:** Pode-se chamar de Ciclo de Dom Belindo a um conjunto de livros de cavalaria conhecidos como *Crônica do Imperador Beliandro* ou *História Grega*. Esse ciclo divide-se em quatro partes e, atualmente, são conhecidos quarenta e um manuscritos. Nesta comunicação, pretendemos apresentar desse ciclo um manuscrito que localizamos no ano de 2010, reorganizar a distribuição dos manuscritos correspondentes à terceira e quarta partes e, ainda, propor um esboço de estema que permita a um futuro editor desses livros restringir as opções de escolha dos manuscritos a serem publicados.

**Palavras-chave:** livros de cavalarias – Ciclo de Dom Belindo – Beliandro – estema – manuscritos.

**ABSTRACT:** One can name *The Cycle of Dom Belindo* a set of romances of chivalry known as *Crônica do Imperador Beliandro* or *História Grega*. This cycle is divided in four parts and nowadays forty manuscripts are known. In this article we intend to present another manuscript of this cycle which we found in 2010, reorganize the manuscripts of the third and fourth parts and propose a sketch of a *stemma* which might allow a future editor of those romances to constrain the options for a choice of manuscripts to be published.

**Key-words:** Novels of chivalry – Cycle of Dom Belindo – Beliandro – stemma – manuscripts.

<sup>20</sup> A existência de pelo menos dois autores já havia sido proposta por Díaz-Toledo.